

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

ATAEGINA UMA DIVINDADE PENINSULAR

Cristina Lopes¹

RESUMO

Este artigo apresenta linhas de pesquisa relativas aos aspetos que se afiguram mais relevantes quanto à divindade peninsular Ataegina. Esta divindade surge, em muitos aspetos, como um caso excecional da religião indígena. Nomeadamente no que respeita às variantes da sua nomenclatura, possível extensão geográfica, iconografia e iconologia. Este contributo trata ainda de incluir a temática do seu culto, ainda mal compreendido, nomeadamente em Mérida, aproximada a Proserpina enquanto culto privado e ligado às elites emeritenses e à sua apropriação do *Lucus Feroniae*.

Palavras-chave: Divindade Peninsular, Divindade inominada, Ataegina.

ABSTRACT

This article presents lines of research for aspects that seem more relevant about the peninsular deity Ataegina. This divinity appears, in many respects, as an exceptional case of the Indigenous religion. Namely, in the variants of her nomenclature, geographical extension, iconography and iconology of the divinity. This contribution is also including the thematic of her cult, yet poorly understood, in Merida, close to Proserpina as a private worship and connected to the emeritenses elites and their appropriation of the *Lucus Feroniae*.

Keywords: Peninsular Divinity, Innominate Divinity, Ataegina.

1. INTRODUÇÃO

Ataegina destaca-se, no panorama das religiões pré-romanas, ainda com muito por revelar. A extensa quantidade dos seus testemunhos epigráficos, bem como a *interpretatio* com Proserpina integrando assim um carácter ctónico, fazem com que ela seja um caso excecional no contexto peninsular. O tema suscitou o interesse, por vezes aparentemente deslumbrado, de eminentes investigadores, sobretudo desde os achados de Santa Lucía, em El Trampal, Alcuéscar, Cáceres. No entanto ao aproximarmonos desta tarefa convém esclarecer sumariamente o carácter embrionário dalgumas matérias sobre a temática em análise.

Quando nos reportamos à “religião lusitana” J. de Hoz (1986, p. 32), define-a como o conjunto de dados oriundos da Lusitânia referentes ao complexo de crenças religiosas que, embora com alguns traços particulares, seria partilhado por diversos povos pré-romanos de origem indo-europeia, dentro e fora da Península Ibérica. Só em território atualmente português contam-se cerca de 270 epígrafes registando teónimos indígenas, o que é um núme-

ro significativo atendendo à sua retraída extensão geográfica (Encarnação e Guerra, 2010, p.96) e que atesta a importância que detinha. Destaca-se ainda que os cultos indígenas da Hispânia terão sofrido uma progressiva romanização, que se deteta apoiada no aumento dos testemunhos epigráficos no séc. II (Lambrino, 1965, p.224).

Uma vez que se tornava uma tarefa hercúlea disponibilizar de forma clara o que seria o culto a Ataegina em todo o seu esplendor, devido às lacunas que maculam a informação disponível, apresenta-se aqui uma síntese do atual estado de conhecimentos.

2. O NOME DA DIVINDADE

Salienta-se que embora existam várias linhas de investigação em que a organização dos repertórios é guiada por princípios muito diferentes, toda sistematização é baseada em critérios essencialmente linguísticos. Uma vez que são eles que determinam por via da regra, a integração das diferentes entidades nos respetivos grupos. Esta posição, com já grandes antecedentes, levou muitos pesquisadores a acreditar que se poderia aderir ao conhecimento da

1. c.lope99@gmail.com

própria natureza das divindades, através do significado do teónimo. No entanto, vários estudiosos, como Unterman (1985, p. 356) ou Hoz (1986, pp. 33-37) alertaram sobre as dificuldades e a natureza restritiva dessas abordagens.

Desta forma e no que respeita às fontes que propiciam o melhor conhecimento das divindades indígenas da Lusitânia, Hoz (1986) salienta o potencial da epigrafia, reconhecendo, no entanto, as dificuldades que poderão decorrer da adaptação da língua pré-romana à norma latina, tal como J. d'Encarnação (1975, p. 302, 1987^a, p.8 e 2002, p. 13). Assim o monumento epigráfico enquanto fonte informativa reveste-se de um valor fundamental nesta investigação.

A partir de sua análise linguística, podemos ver que esta deidade peninsular aparece com várias designações na sua nomenclatura, tais como Ataegina / Ataecina / Adaecina / Adaegina ou também com a variante com 2 tt ou 2 dd, sendo ainda usual encontrar o epíteto T ou Turibrig ou Dea Domina Sancta. Infra estão listados alguns exemplos:

daeae sanctae Turibrige
 d(eae) d(ominae) s(anctae) Turibri
 d(eae) d(ominae) s(anctae) T(---) A(taecinae)
 deae Ataecinae Turobrigae (s)anctae
 dea Ataecina Turibrig(ae?) Proserpina
 d(eae) Ate(cinae) Proserpinae Tu(---)
 d(eae) d(ominae) (T)uri(b)ri
 (d)o(minae) s(anctae) Tur(---) A(taecinae)
 do(minae) d(eae) s(anctae) turibri(g)e Adegine
 domina (A)ttaegina (T)urubrigae
 dominae Turibri (A)deginae
 (T)uribri A(t/d)ecin(ae)

A usual junção do epíteto Turi-/Turobrigensis, também lido como Turibrigae/Turibri (Guerra, 2002b, p. 155), ao teónimo tem suportado a hipótese da existência de um santuário a Ataegina em Turóbriga, situada por Plínio na Betúria Céltica, atendendo à sua terminação céltica em *briga* (Vasconcelos, 1905, p. 158). A localização de Turóbriga terá sido motivo de larga discussão académica, pois não há consenso quanto ao seu paradeiro persiste, no entanto, o carácter lusitano de Ataegina (Abascal, 2002, p. 57). Na época de Leite Vasconcelos, as fontes clássicas eram conhecidas e já havia elevada dispersão de achados (sem Santa Lucía del Trampal). O trabalho de Vasconcelos foi aliás um marco para o conhecimento das divindades indígenas, bem como das origens

do povo português (Fabião, 2011, pp. 160-61). A sua obra *Religiões da Lusitânia* (1897, 1905 e 1913) apesar da sua considerável antiguidade e das limitações que lhe são inerentes viria a constituir um apoio incontornável para a investigação destas matérias. Nas suas três obras Vasconcelos organizou as divindades de acordo com a sua caracterização a partir da etimologia dos teónimos e da extensão geográfica dos mesmos.

O que impressionou Vasconcelos não foi apenas a dispersão, a variação da escrita, mas também o epíteto. Dea Sancta (quando apareceu apenas com essa designação foi considerada Ataegina), uma vez que, em geral, a conjugação dos dois determinativos – *sanctus* e *dominus* – é rara para outras divindades. O sufixo incomum “cina” ou “gina”, Leite Vasconcelos (1905, p.161), entendeu que este era o radical e analisou ATAE (repetição, como uma partícula de reforço), GINA – Indo-européia que vem de GENOS – a renascida, incluindo assim o carácter ligado à natureza e à primavera, o renascimento da Terra, não só pela filologia, mas também porque está associado a Proserpina (versão latina da Perséfone). Teria sido adotada em Mérida a partir de Turobriga e daí ter-se-ia distribuído ao longo da Lusitânia, devido aos deslocamentos de indígenas, sobretudo enquanto Ataegina Turibrig Proserpina (Garcia Bellido, 2001, pp. 55-58). Já Prósper (2002, p. 300) atribui a origem no topónimo “Ataiko”, assim como a função protetora do povo dos Ataecini, ou dos Vetões. Outros autores tais como (Untermann, 1987, p. 66) procuraram ligar o teónimo ao irlandês arcaico *adaig*, com o significado de “noite”, donde ressalta uma assimilação de Ataegina à Prosérpina romana, de natureza ctónica (Prósper, 2002, p. 294). No entanto Abascal (2002, Luquuntur saxa, p.54) alerta que atualmente o dito vocábulo irlandês só esta atestado a partir do século VIII e, portanto, excede temporalmente a época pré-romana e romana.

3. O CULTO DE ATAEGINA

No que respeita ao seu santuário, pelo que foi anteriormente exposto, este teria tido uma importância considerável na época pré-romana, importância que se transpôs para a romanidade. Acresce ainda que Ataegina é a única divindade paleohispânica que existe adorada fora da Península Ibérica. E apenas Ilurdeda, outra divindade paleohispânica também terá peregrinado, mas com um número mais re-

duzido de epígrafes. No atual estado de conhecimentos o seu culto é disperso por uma grande área geográfica, que cobre aproximadamente de Beja a Toledo, ou no triângulo Norba-Turgalium-Emerita, no entanto, há casos controversos que podem ampliar esse território.

Nos anos oitenta, a escavação conduzida por Caballero Zoreda na igreja moçárabe de Santa Lucía de El Trampal em Alcuéscar, Cáceres, permitiu recuperar 50 epígrafes votivas e funerários reutilizados no edifício. 15 eram altares dedicados a Ataegina Turi-brigensis, cerca de 20 sem inscrições e outro grupo com o nome do falecido em que não se menciona nenhuma divindade, possivelmente porque estão no santuário dessa divindade. Este lugar está situado entre as montanhas, no vale que é abastecido por águas ferruginosas e saudáveis, ideal para um bosque sagrado dedicado a uma divindade salutar e infernal que protege a água, a natureza, a população, os bens agrícolas, os vivos e a vida do além. A situação geográfica privilegiada mostra que está localizada em local de passagem que certamente seria favorecido desde época Tartessica e que unia Norba a Metellinum. Este ponto é favorecido pela confluência de cinco povos, os Lusitanos, Vetões, Celtas, Turdulus e Celtiberos.

Garcia Bellido (2001) descobriu que, nas fontes clássicas em relação a Mérida, é mencionado que numa extremidade de seu território, há um “Lucus Feroniae”, ou seja, um bosque sagrado. Está aninhado entre montanhas num vale que é alimentado por águas ferruginosas salutíferas, ideal para um bosque sagrado dedicado a uma divindade salutar e infernal. Há todas as razões para acreditar que o culto em época romana tinha especificidades, de acordo com o lugar e a cronologia, o que é compreensível e atestado pela epigrafia. Temos evidências de um culto mais simplificado de Ataegina, em Mérida e áreas circundantes, uma situação especial em que Ataegina é adorada assimilada a Proserpina, certamente vinculada às elites emeritensis e à sua apropriação do Lucus Feroniae emeritensis. A elite emeritense terá apropriado o culto local, mas com formulários mais fluidos, que certamente terá abrangido aspetos do culto indígena, ao que se sobrepôs.

Quanto à cronologia das inscrições, há algumas que podem ser incluídas no primeiro século, mas a maioria são do século II e ainda existem algumas do século III. O que é constante é o nome, o epíteto e as cabras. A cabra é o animal que se associa a Ata-

gina. Sabemos que gado foi sacrificado a Proserpine, mas não sabemos se eram cabras. Há na região os ex-votos acima mencionados e que, supostamente, estão conectados ao culto, existe monumentos epigráficos com um encaixe, bem como cabras que têm um tipo de pé que serve para encaixar a Cabrita no topo do referido monumento. Como evidência, duas peças apareceram em Malpartida de Cáceres, ex-votos para a deusa Santa Turi Adaegina, uma inscrição de bronze com a cabra em cima, bem como ex-votos e mais cabras de bronze ou terracota em outros lugares de adoração. Os testemunhos epigráficos, de acordo com Abascal Palazón, levaram a supor terem existido vários centros de adoração, pelo menos três santuários, como poderia ser o caso de Mérida e seus arredores, outro próximo de El Trampal em Alcuéscar e Dehesa Zafrilla de Malpartida, Cáceres, onde foram encontrados os dois Ex-votos sob a forma de uma cabra. No estado atual do conhecimento, descobrimos ainda que não existe um padrão de referência para definir os devotos de Ataegina, Lopes (2014, p.99).

4. SANTA LUCÍA DEL TRAMPAL

O sítio de Santa Lucía del Trampal está localizada a 441 m, na meia encosta da serra da Centinela, sobre o vale onde corre o rio Aljucén. Vários cursos de água escorrem da montanha para o rio, sendo que perto da igreja moçárabe do local existe um deles. Para Garcia Bellido, não será surpreendente depois de conhecer a fonte que brota da terra ao lado de El Trampal e que contem águas ferruginosas e salutíferas, bem como a sua localização geográfica, que este terá sido um lugar de eleição para um santuário. Lugar onde a divindade ctónica entra em contato com a superfície terrestre e fertiliza-a. Os monumentos epigráficos deste lugar são, como observou Abascal, idênticos às estelas do S.O. em tamanho e morfologia, medem 220 cm e são encontrados principalmente na Extremadura e nos vales dos grandes rios, mas aqui a “usual” necrópole correspondente não foi encontrada. As estelas funerárias também encontradas juntamente com altares votivos, na igreja moçárabe, foram genericamente datadas por Abascal, do século I a inícios do século III, baseado na forma dos altares e na sua comparação com outros da região (1995, p.76).

As 15 novas lápides de Alcuéscar a Ataegina, recuperadas na escavação do local alteraram o anterior panorama e permitem pensar neste lugar como um

importante lugar de culto. Caballero supôs que, devido à profusão de achados, á sua situação particular suprarreferida, quanto à confluência de cinco povos, bem como pelas suas características físicas e económicas, este poderia ser o principal santuário da divindade. Associado a Ataegina, a cabra seria o seu animal consagrado, tendo sido recuperadas duas cópias de bronze e uma placa com referência à deusa. A maioria das estelas de El Trampal contém os buracos para o que deveria ser o ajuste das referidas representações das cabritas. El Trampal está localizado a quatro quilómetros da estrada romana Emérita Asturicam, no ponto que uniu a Meseta com a bacia do Guadiana, e outra rota, supostamente uma das mais importante da Extremadura, que uniu Metellinum a Norba passando pelo vale que separa o Montanha de Montánchez de El Trampal.

Nas proximidades, em Arroyo Molinos situam-se ainda as ruínas do local de Los Trampales. Essas ruínas possuem vestígios arquitetónicos do período romano e também água mineral ferruginosa. Mais a noroeste, no local de Las Torrecillas em Alcuéscar, Abascal Palazón e Caballero supõem que poderia ser o local de proveniência dos materiais reutilizados em Santa Lucia. A 250 m de Santa Lúcia, há outra ermida de Santiago, em torno da qual as estelas foram coletadas e a menos de 1 km encontra-se S. Jorge, outro local com escórias de ferro, sigillatas e restos romanos tardios.

De fato, na área circundante há uma ampla dispersão de achados incluindo Montánchez e importantes vestígios arqueológicos foram recuperados, embora não tenham sido detetadas estruturas importantes que possam ser classificadas como urbanas. Há uma série de lápides reutilizadas na igreja, bem como mármore e telhas, o que levou Caballero a supor que esses materiais estariam próximos no momento da construção. Abascal, no entanto, defendeu que as 50 aras e estelas funerárias poderiam ser levadas para El Trampal, do local de Las Torrecillas, que ele considera ter sido Turobriga e, portanto, sede do culto e que o lugar onde esta Santa Lucia terá sido o Lucus Feroniae. Garcia Bellido pensa que é difícil sustentar que os 50 blocos possam ter vindo de Las Torrecillas até porque as lápides funerárias usadas são monumentais, pelo que é mais credível que o material reutilizado em Santa Lucia estivesse *in situ*. Também não subescreve a proposta de Turobriga ter sido aí porque estabelece que um topónimo em brigga descreve uma cidade. A cristianização do sítio

pagão pode ser outro elemento a favor de transformações marcadas pelo fervor religioso que também aconteceu na Itália nos primitivos centros de culto de Feroniae. Conclui-se que não há certeza para a proveniência dos materiais de Santa Lúcia e, portanto, para a valorização exata do Lucus Feroniae (Garcia Bellido, 2001, pp. 58-60).

5. ICONOGRAFIA E ICONOLOGIA DA DIVINDADE

É possível que o culto de Ataegina, tivesse suplantado ou acompanhado outro culto a uma divindade muito antiga que tivesse como animal representativo a cabra. Os testemunhos para apoiar esta hipótese vêm de Cancho Roano em Badajoz, entre os ex-votos, encontrou-se o resto de uma cabra em bronze que mede mais de 50 cm, e abundantes restos faunísticos de cabra, provavelmente de banquetes rituais. Ataegina seria assim uma das sucessoras desta importante divindade peninsular inominada. Séculos mais tarde, a presença de Vetões na área denominaria e tornaria oficial o culto a Ataegina. Naquele Lucus de El Trampal que manteria o conteúdo sagrado da deidade anterior, incluindo o uso de cabras, com a inovação dos monumentos inscritos, com o nome de Ataegina. Se a deusa anterior fosse aquela descrita por Estrabão como a Deusa noturna inominada, então este era um campo fértil para *interpretatio* com qualquer deidade de características semelhantes, o que parece ser o caso. Porém, constatamos que manteve seu caráter minimalista na imagem, caráter que permaneceu na interpretação de Feroniae e Magna Mater.

Em Santa Lucia, junto às 11 estelas de Ataegina, encontram-se 12 anepígrafas, que de acordo com Garcia Bellido, seria possivelmente de outro povo que rende culto à divindade do Lucus. Seria, pois, a presença de outras formas de culto num santuário de fronteira. Também diferindo do culto atestado com as designações de *dea domina sancta*, que Bellido pensa tratar-se de outra deusa funcionalmente semelhante, mas não necessariamente Ataegina. Abascal Palazón subescreve esta posição e diz que também os epítetos *sanctus/sancta* não podem se inscrever para um culto único, tal como *dea domina sancta* esta documentado na zona de Cáceres para Mercúrio e Bellona. Bellido também ressalta que é impossível compreender a complexidade de um santuário de tal longevidade e que envolveu muitos povos

em contínua transformação territorial e espiritual. Supondo-se que Ataecina não tivesse monopolizado o culto e que não seremos capazes de reconstruir a complexidade de deidades maiores, para as quais a cultura clássica não tinha *interpretatio* direta. Assim só podemos recorrer de forma fragmentada a facetas específicas de sua personalidade através das suas divindades especializadas, como aconteceu com Astarte e Tinite, que se tornou Demeter, Afrodite, Aetnae ou Juno, Venus, Minerva, ou também os casos das divindades orientais, Cybele e Isis.

A população de Emérita apresenta-se como uma população heterogénea de itálicos, pessoas de fora da Península Ibérica e indígenas. Neste cruzamento de tradições, encontramos muitas divindades de diferentes origens e funcionalmente pleonásticas, diferentes em mitos, mas com funcionalidades idênticas, em um enorme caldo cultural. Não são religiões de mistério, pois não precisavam de iniciação e às vezes, encontramos adoração de deidades mistéricas fora do contexto do ciclo iniciático. Garcia Bellido conclui que a interpretação romana da deidade do Lucus com Feroniae deve ter acontecido por ser uma divindade maior. Ressalta ainda importância da água, de onde resulta a conseqüente associação com as ninfas, que, embora sejam figuras secundárias da mitologia romana, parecem ter desempenhado um papel importante, e sobretudo a nível da iconologia, porque a elas recorreram para as colocar nas moedas da fundação de Emérita.

Nenhuma das estelas com *dea domina sancta* tem figuração, essa não figuração parece concentrar-se na área de Betúria e Lusitânia na época pré-romana, onde quase não há representações de figuras humanas. Existem essencialmente cabras e algumas estelas tem crescentes lunares. Uma estela foi encontrada em Malpartida com uma figura que parece orar e que Abascal (2001, p. 56) propõe ser referente a Ataegina, mas Garcia Bellido defende que não é, e que este é um fenómeno idêntico ao que levou um lusitano a colocar na Sardenha, num Ninfeu uma inscrição a Ataegina. Assim não parece ter existido figurações da divindade no Lucus Feroniae Emeritensis em contexto indígena. Mas sim pelos romanos que desde a fundação de Emérita entrou como uma deusa adotiva, num ato comum de dominação atestado na figuração numismática das primeiras cunhagens emeritensis. Uma escultura monumental do museu de Mérida pode representar a deusa Ataegina, trata-se de uma deusa entronizada com os pés sobre

flores, ao lado do trono surgem duas serpentes que marcam o carácter ctónico, embora a cabeça e as mãos não tenham sido preservadas. Foi encontrado perto do santuário a Mitra, onde os cultos das divindades místicas e ctónicas foram associados, e onde as divindades indígenas foram frequentemente acolhidas. Não conhecemos o nome que os emeritensis atribuíam para designar esta deidade, embora a funcionalidade fosse certamente a mesma que era dada a Ataecina (Garcia Bellido, 2001, pp. 68-70).

Ataegina é, como foi anteriormente referido, por vezes identificada com Prosérpina (Lambrino, 1965, p. 231, Vasconcelos, 1905, p. 154), pelos seus atributos infernais, mas também propiciatórios, incluindo a atribuição do epíteto *sancta* a Prosérpina, dado como característico de Ataegina (Vasconcelos, 1905, p. 155). Na sequência desta assimilação, teria ocorrido uma transferência dos atributos de cariz não só produtivo, mas também infernal de Prosérpina para Ataegina. J. d'Encarnação (1975, p. 117) sublinha o carácter infernal de Ataegina, rejeitando a atribuição das características agrárias que tanto tinha Vasconcelos (1915, pp. 154-157) enfatizado considerando-a uma Deusa do renascimento e da Primavera e associando-a a outra divindade, a saber Libera, já J. Abascal (2002, p. 55) ressalva ainda o carácter de divindade lunar e a possibilidade do culto prestado a Santa Eulalia em Mérida ser a supervivência daquela antes dispensado a Ataegina.

No que respeita ao ritual, possivelmente tratava-se da prática dos sacrifícios, embora o seu conhecimento seja ainda bastante lacunar. Numa das dedicatórias de Emérita esta revela-se como uma divindade infernal à qual é feita uma *devotio* (Vasconcelos, 1905, p. 165). A escassa documentação proveniente da Lusitânia sobretudo quanto ao material disponível no domínio do panteão, bem como pela falta de organização e sistematização da mesma (Hoz, 1986, p. 46) torna difícil vislumbrar um quadro satisfatório. Sendo o sacrifício uma prática claramente documentada na religiosidade lusitana desde Estrabão. A prática dos sacrifícios, como é sabido, incluem oferendas de cabras, ovelhas e touros, em rituais designados *suovetaurilia*, nos quais são sucessivamente sacrificados estes animais (Hoz, 1986, pp. 47-48).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ataegina surge como uma divindade indígena cujo culto subsistiu de forma bastante notória durante

o Principado (Abascal, 2002, p. 53), afirmando-se como a segunda divindade indígena mais cultuada no Sul peninsular, após Endovélico (Encarnação, 1984, pp.50-80), que surge como um caso excepcional no panorama das divindades pré-romanas, tal como preconizam Schattner, Guerra, e Fabião, (2005). Refiro ainda que sinteticamente a exposição Religiões da Lusitânia – *Loquuntur Saxa* no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, e a edição do livro, coordenado por J. Cardim Ribeiro (2002), que contem contributos de diversos investigadores dedicados a esta temática, foram importantes acréscimos para este conhecimento. Calado em comunicação privada salientou ainda que Ataegina é considerada por alguns investigadores como o “par” de Endovélico, sendo que o seu culto pressupunha a realização de oferendas de animais, o que poderia constituir um aspeto comum com o culto de Endovélico, atendendo aos elementos escultóricos associados à epigrafia deste (Vasconcelos, 1905, p. 169), bem como o carácter ctónico de ambos.

Garcia Bellido (2001) considera que podemos atestar a interpretação romana da deusa do Lucus sob nomes como Ataecina, Proserpina, Feroniae, Dea Domina Sancta ou Salus Augusta, certamente enquanto versões da divindade que tivera um culto muito anterior e que foi tão importante que quando da fundação de Emérita, capital da província de Lusitânia, foi para o panteão como Proserpina/Ataegina. Esta possui uma notória diversidade de atributos, nos seus vários epítetos (dea, domina, sancta...), testemunhando assim a grande importância do seu culto (Vasconcelos, 1905, p. 173). Nas inscrições desprovidas de teónimo, a sua atribuição é suportada pela presença do epíteto dea sancta, o que, segundo J. Abascal (2002, p. 53), o que não constitui um critério suficientemente válido, visto que os elementos sanctus/sancta e deus/dea não se afiguram exclusivos de uma divindade, sendo mesmo frequente o seu uso no Ocidente peninsular. É ainda bem possível que, como afirma Abascal, o culto inicial fosse dos Vetões.

Existe controvérsia sobre se Sta. Lucía era o local original do espaço de culto que teria abrigado esta grande coleção de altares votivos. Bellido pensa que Turobriga pode estar situada em Talavedra La Vieja onde as epígrafes de Ataecina apareceram sem outros nomes e onde vem a lápide do bassus turobrigensis. Mas onde o culto e numerosos vestígios se materializaram, de forma mais numerosa foi no

santuário de Alcuéscar. Com uma situação geográfica excepcional, pois encontrava-se no enclave de cinco povos diferentes e na conexão entre a bacia do rio Tagus e do rio Guadiana. A extensão do culto pelos documentos epigráficos mostra que se espalhou através de várias zonas, como foi o caso de Malpartida em Cáceres com os Vetões, em Quintos Beja com uma epígrafe que sugere a existência de uma faculdade com magisti ou um culto organizado, com os Celtas no território celtibero, porém o culto arraigou-se principalmente em na zona de Mérida e possivelmente foi reproduzida na numismática como ninfa, como Ceres e chamada Proserpina.

Podemos supor nesta fase, o culto particularizado com vários epítetos que nunca nos alcançaram, possivelmente um dos grandes santuários ganhou grande importância e é no alvorecer da romanidade que este culto se cristalizou na epigrafia e se expandiu com o epíteto concreto desse Santuário especial, enquanto os outros desapareceram, dilatando-se em uma vasta região. A cadeia Feroniae – Perséfone – Proserpina – Ataecina parece ser bem atestada, embora seja necessário ter em mente que o culto em questão abrange um período de tempo de pelo menos quatro séculos, desde o primeiro século até o século III e que portanto, sofreu mutações consideráveis. A origem do fenómeno estaria antes de mais no ambiente religioso próprio das populações celtas da Península (Almagro-Gorbea e Alvarez-Sanchis, 1993, Mantas, 1984, p. 364).

BIBLIOGRAFIA

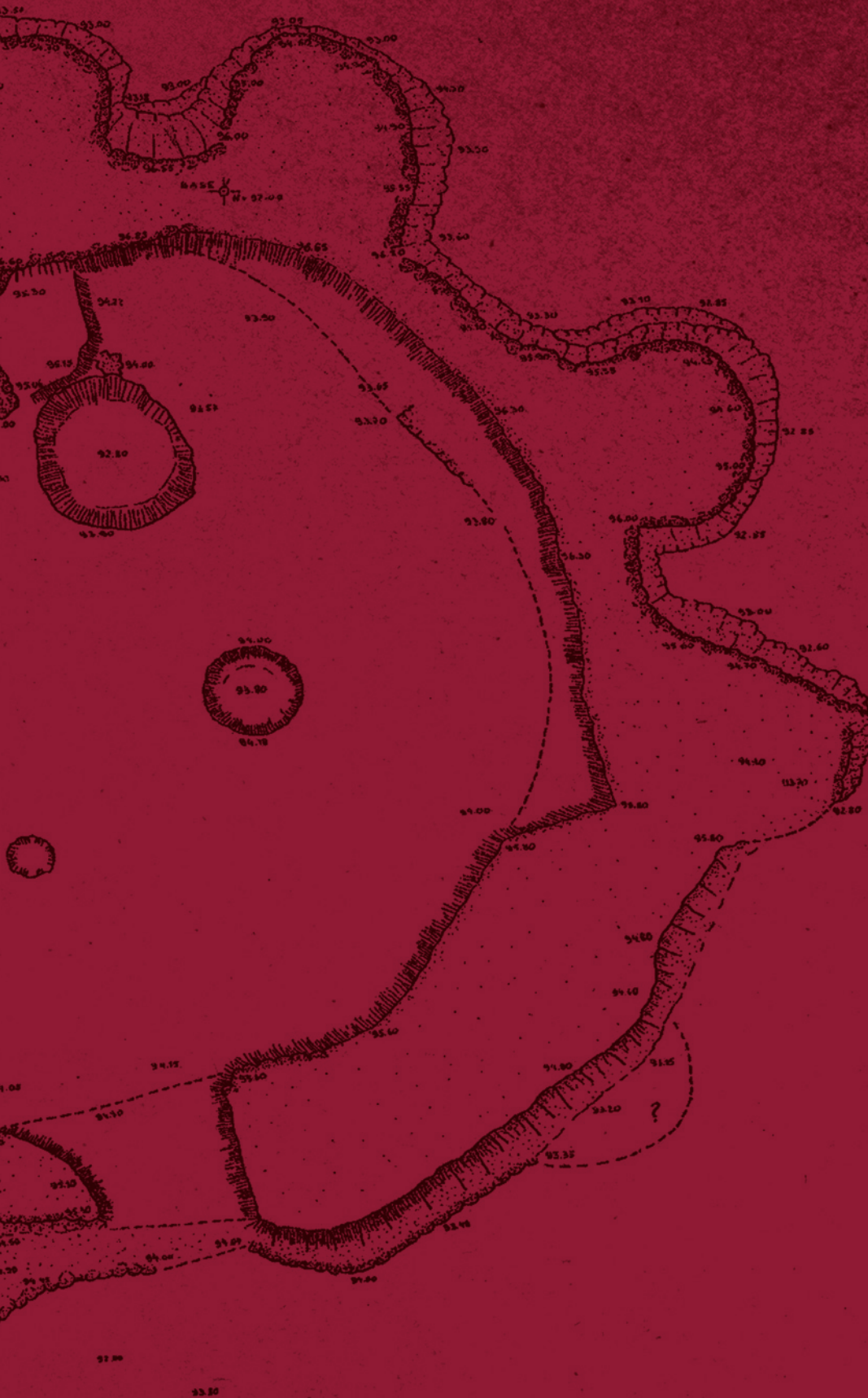
ABASCAL PALAZON, Juan Manuel (2002) – Ataecina. In RIBEIRO, José Cardim (coord.) – *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 53-60.

ALMAGRO-GORBEA, Martín e ALVAREZ-SANCHIS, Jesus (1988) – La sauna de Ulaca. Saunas y banos iniciáticos en el mundo celtico. *Cuadernos de Arqueologia de la Univerdidad de Navarra*. Navarra.

CABALLERO ZOREDA, Luis (1987) – ‘Hacia una propuesta tipológica de los elementos de la arquitectura de culto cristiano de época visigoda (Nuevas iglesias de El Gatillo y El Trampal)’, *II Congreso Nacional de Arqueología, Zaragoza*, Vol.I, pp. 61-98.

CABALLERO ZOREDA, Luis e ROSCO MADRUGA, Juan (1988) – ‘Iglesia visigoda de Santa Lucía del Trampal, Alcuéscar (prov. Cáceres). Primera campaña de trabajos arqueológicos 1983-84’, *Extremadura Arqueológica I*, Caballero Zoreda, Luis and Sáez Lara, Fernando (1999), *La Iglesia Mozárabe*

- de Santa Lucía del Trampal, Alcuéscar (Cáceres): *Arqueología y Arquitectura, Memorias de Arqueología Extremeña* no.2, Mérida, pp. 231-249.
- CABALLERO ZOREDA, Luis e SANCHEZ SANTOS, Juan Carlos (1990) – ‘Reutilizaciones de material romano en edificios de culto cristiano’, in A.González Blanco and J.M. Blázquez Martínez (eds), *Antigüedad y Cristianismo, VII, Cristianismo y Aculturación en Tiempos del Imperio Romano*, Murcia, pp. 431-485.
- CALADO Manuel, (2014) – comunicação pessoal
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1975) – *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. 2 vol.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1987) – Divindades indígenas da Lusitânia. Separata de *Conimbriga*. Coimbra, pp. 5-37.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (2002) – Das religiões e das divindades indígenas na Lusitânia. In RIBEIRO, José Cardim (coord.) – *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 11-16.
- ENCARNAÇÃO, José d’; GUERRA, Amílcar (2010) – The current state of research on local deities in Portugal. In ARENAS-ESTEBAN, Jesus (ed.) – *Celtic Religion across space and time. IX Workshop Fontes Epigraphici Religionum Celticarum Antiquarum (FERCAN)*. Molina de Aragón e Toledo: Centro de Estudios de Molina y Alto Tajo e Junta de Comunidades de Castilla-La-Mancha, pp. 94-112.
- FABIÃO, Carlos (2011) – *Uma História da Arqueologia Portuguesa. Das origens à descoberta da Arte do Côa*. [s. l.]: CTT Correios de Portugal.
- GARCÍA Y BELLIDO, Antonio (2001) – *Lucus Feroniae Emeritensis*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid.
- GUERRA, Amílcar (2002) – Omnibus Numinibus et Lapi-tearum: algumas reflexões sobre a nomenclatura teonímica do Ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5, nº 1, Lisboa, pp. 147-159.
- GUERRA, Amílcar (2010) – Algumas considerações sobre divindades e espaços sagrados, de período romano, na região eborense. In OLIVEIRA, Francisco de; OLIVEIRA, Jorge; PATROCÍNIO, Manuel (coords.) – *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3. História, Arqueologia e Arte*. VII Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. Associação Portuguesa de Estudos Clássicos/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, pp. 107-120.
- GUERRA, Amílcar; SCHATTNER, Thomas; FABIÃO, Carlos (2003) – Novas investigações no santuário de Endovélico (S. Miguel de Mota, Alandroal): a campanha de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 6, nº 2, Lisboa, pp. 415-479.
- HOZ, Javier de (1986) – La religión de los pueblos prerromanos de Lusitania. In CHAPARRO, Cesar (coord.) – *Manifestaciones religiosas en la Lusitania. Primeras Jornadas*. Cáceres: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura/Departamento de Ciencias de la Antigüedad, pp. 31-49.
- LAMBRINO, Scarlart (1965) – Les cultes indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrien. In PIGANIOL, Andre; TERRASSE, Henri (org.) – *Les Empereurs Romains d’Espagne. Actes du Colloque International sur les empereurs romains d’Espagne*. Paris: Centre Nationale de la Recherche Scientifique, pp. 223-242.
- LOPES, Cristina (2014) – *Ataegina uma divindade Paleohispânica*. *Revista Santuários* 1. Lisboa, pp. 97-103.
- MANTAS, Vasco Gil (1984), A inscrição rupestre de estação luso-romana da Mogueira (Resende), *Revista de Guimarães* 94, pp. 361-370.
- MANTAS, Vasco (2002^a) – Da vitória militar à vitória médica e à protecção das mulheres: Vénus. In RIBEIRO, José Cardim (coord.) – *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 119-123.
- PRÓSPER, Blanca Maria (2002) – *Lenguas y Religiones Pre-romanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad – Acta Salmanticensia, 295 p.
- VASCONCELLOS, José Leite (1897) – *Religiões da Lusitânia, I*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VASCONCELLOS, José Leite (1905) – *Religiões da Lusitânia, II*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, José Leite (1913) – *Religiões da Lusitânia*, na parte que principalmente se refere a Portugal. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SCHATTNER, Thomas, GUERRA, Amílcar, FABIÃO, Carlos (2005) – ‘La investigación del santuario de Endovélico en São Miguel da Motta (Portugal)’, *Palaeohispanica* 5, pp. 893-908.
- UNTERMANN, Jürgen (1985) – Los teónimos de la region lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas. *Actas del III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Lisboa 1980) Salamanca 1985, pp. 343-346.



Patrocinador oficial